

FACULDADE SÃO JUDAS TADEU

PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIAS NATURAIS COMPLEMENTARES

NA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR HOLÍSTICA

RECONHECENDO NOSSA ADULTEZ:

Refletindo sobre o processo de ser e estar no mundo.

RECOGNIZING OUR ADULTHOOD:

Refleeting on the process of being in the word.

Thais Publio de Camargo Bittencourt

Artigo elaborado como pré-requisito para a conclusão do programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Terapias Naturais Complementares na Abordagem Transdisciplinar Holística, na Faculdade São Judas Tadeu, sob a orientação de Camila Aloisio Alves.

Rio de Janeiro, outubro de 2014

Resumo

O presente artigo é uma reflexão sobre a crise que estamos passando como seres vivos neste planeta e como seres humanos em busca de consciência. Vemos um mundo estruturado nos parâmetros da Idade Moderna desabar em falência de valores e fundamentos. É preciso buscar uma nova consciência de ser no mundo. Reconhecer que mudamos e podemos assumir nossa ADULTEZ. Passamos muito tempo acreditando que deuses ou um deus, e até mesmo a ciência, decidiriam nossas vidas e ancoramos em co-responsáveis para nossas vitórias e derrotas. Chegou o momento de assumir a responsabilidade de nossos atos e nos vemos com seres potentes capazes de decidir que mundo queremos viver, assumindo, assim, a responsabilidade da vida que está em nós e fora de nós. Somos seres que inevitavelmente tem capacidade de ser consciente, e, buscar isso, é seguir a nossa natureza.

Como nos entender neste mundo? O que somos nós? Como podemos agir? Ou melhor, como, principalmente, podemos interagir com o todo?

Em busca destas respostas buscamos refletir sobre nossa nova postura no mundo e a relação com o outro, com o todo e com vida. Encontramos caminhos e fundamentos para que cada um possa tomar para si sua parte, sem paralisar-se em julgamentos ou justificativas. Esta nova postura propõe a entrega ao movimento que é a vida e a participação de forma adulta co-criando com o cosmos.

Palavras-chave:

Relação/ movimento/ adulto/ consciência/ responsabilidade/ vida/ cuidado/ Eu e Outro/ cosmos/ existência/ vibração/ Todo.

Abstract

This article is a reflection about the crisis that we are going through as living beings in this planet and human beings in search of conscience. We see a structure world in the parameters of Modern Age fall in failure of values and base. We need to search for a new conscience for being in this world. We need to recognize that we changed and that we can assume our adulthood. We spent a lot of time believing that Gods or God or even science, will decide our lives and we ground being co-responsible to our victories and defeats.

But now is the moment to assume the responsibility of our acts and to see us as potential humans that are capable to decide in which world we want to live, definitively assuming that the responsibility of life that is within and outside us. So, as human, we inevitably have the capacity of being conscious and that search is our nature.

How to understand ourselves in this world? Who are we? How can we act? Or even better, how will we be able to interact with totality?

In search for those questions we need to reflect about our attitude towards the world, towards others humans, with every one and with life. We need to find our paths and foundation so each of us will be able to take for ourselves all responsibility without becoming paralyzed on judgments or justification. This new posture suggests surrendering to the movement that is life and involvement in co-creating with the Cosmos.

Key words:

Relationship/ adult/ conscience/ responsibility/ life/ Me and the other/Cosmos/
existence/ vibration/ totality.

Introdução

O tempo da transformação e da nova postura da humanidade chegou, e, todos nós, assim como o planeta e o cosmos já o fazem, estamos sendo convocado a viver e se entender de uma nova forma. É o momento do salto, mesmo sem um futuro definido, pois, só o presente pode definir isso.

Para dar este salto, precisamos recuperar nossa potência e buscar entender as relações que nos conectam numa posição de interação e responsabilidade com o cosmos. Este novo olhar requer de nós uma postura de adulto e, por isso, vou chamar de momento de nossa adulez: somos livres, potentes, conscientes, participantes e responsáveis e, por isso, todo o bem que podemos imaginar devemos manifestar.

Esta reflexão busca iluminar algumas partes de um caminho. É um pensamento que requer coragem, pois, é preciso abandonar toda a crença na sólida verdade e na segurança do que foi construído. A verdade passa a ser a harmonia, isto é, existirá no equilíbrio do movimento entre Eu e o Outro, Eu e o Cosmos, Luz e Vibração, o que foi construído será visto como a necessidade de uma época, e, que como tudo, passa.

O entendimento adulto, responsável e maduro do que é estar vivo, nos mostra que não há ponto fixo entre eu e você, somos uma reverberação do mundo e no mundo e não há nada sólido na vida, afinal a luz só existe quando existe movimento. E somos Luz.

Nesse sentido, o objetivo desta reflexão, é aprofundar a compreensão uma nova forma de ser e estar no mundo, que estamos sendo convocados a vivenciar. A perspectiva transdisciplinar holística propõe um amadurecimento de nossa

consciência como seres humanos que pode ser traduzida como o reconhecimento de nossa adultez assumindo uma nova forma de estar na vida.

Metodologia

O presente artigo trabalhou com a reflexão proposta a partir da análise temática de alguns pensadores, cientistas e filósofos tendo como principais referências: Alfonso Lopes Quintás, Leonardo Boff e Kaká Verá. Em cada etapa da reflexão, estes pensadores irão auxiliar no exercício de ampliação da visão, fundamentando a transformação da postura dos indivíduos frente ao cosmos. Urge esta transformação para que o possamos nos reinventar como espécie, já que, construímos o princípio da auto-destruição, através de bombas e desequilíbrios ecológicos. A vida, então, nos convoca a participarmos do reequilíbrio do planeta de forma consciente e efetiva.

A seção de discussão está dividida em três etapas:

1ª etapa: **RELAÇÃO**: Nesse tópico da discussão vamos refletir sobre a relação entre os sujeitos, a experiência EU/OUTRO. Para isso, será tomado como fio condutor a noção de Quintás (2004) do ser como encontro, através da qual o autor afirma a experiência da existência como uma relação eu/outro, não podendo ser e existir de outra forma. Esta compreensão nos ajudará a ver a vida como movimento, em um âmbito que é e não é ao mesmo tempo, onde não há a solidez e segurança. A partir dessas reflexões, o leitor será convidado a deixar a visão cientificista e individualista das verdades absolutas e se abrir para uma entrega ao encontro e à relação, vislumbrando assim a nossa nova postura.

2ª etapa: **MOVIMENTO**: A partir da ideia que somos um com o outro, este âmbito compreendido anteriormente, e, buscando entender tudo como movimento, vamos avançar para a consciência do nosso papel em relação ao TODO. Esta ideia

se desenvolverá fundamentada com a visão do ser humano como um nó de relações, que, por isso se torna um ser ético, um ser de escolhas, ideia desenvolvida por Leonardo Boff (2009) Estaremos dando ênfase à nossa responsabilidade com a vida e com o cosmos através dos conceitos da ética do cuidado (L. Boff).

3ª etapa: EXISTÊNCIA: para finalizar esta reflexão vamos ver a vida como uma prática da relação em movimento com consciência. Para isso será enfocada a maturidade exigida por esse movimento. Para ser possível, é preciso tomar consciência de nossas decisões como o indivíduo pertencentes e participantes do todo. Caminhar nesse sentido é avançarmos em busca de recuperarmos nossa Potência de Ser. Neste momento, finalizaremos como os ensinamentos ancestrais indígenas, que trazem a consciência prática de que estamos mergulhados no movimento do cosmos e que isso só pode acontecer quando entendemos que a vida é, o tempo todo, e que a existência é um momento de atuação, estas ideias estão na cultura tupi trazida por Kaká Werá (2012) que nos mostra como entender o mundo e a existência como uma vibração.

Reflexões e caminhos

- **RELAÇÃO:**

Para iniciar nosso pensamento podemos observar um pouco a ciência e ver que as novas descobertas, principalmente na biologia, nos revelam que a vida se dá e, só pode existir, na relação, no encontro com o outro, a partir disso, me formo e sei que estou vivo.

Um bebê não existiria sem o encontro com a mãe, ou aquela que cuida e protege, um animal na floresta não sobrevive se não cria relações entre os seres de seu ambiente. A própria consciência de existir, que é uma capacidade humana, precisa do outro para se saber vivo.

Wittgenstein, em seu livro “Investigações Filosóficas” (1936) dizia, ao falar da impossibilidade da linguagem privada, que, a grande prova da existência do outro é que ao criar uma linguagem eu sou um “eu” porque posso me chamar assim diante de um “tu” em uma língua que, depois, permite ao “tu” falar no lugar do “eu”. Podemos então perceber que, existo a partir do olhar do outro para minha existência, assim criamos um código para nos relacionarmos e comunicarmos. Se repararmos bem, uma das causas atuais da depressão e pânico é a invisibilidade social, a inexistência que temos para o outro. Quando me olham sei que existo, não por mim, mas pela relação que se cria entre nós, a isto, Quintás chama de âmbito.

“Se você quer fundamentar sua vida ética, terá de partir desta ideia relacional de personalidades. Cada pessoa é um nó de relações, advertia Saint Exupéry; é constituída de uma trama de vínculos que em parte lhe são dados e em parte ela mesma constitui para estabelecer. Abarca, portanto, um certo campo de realidades. A essas realidades, que não foram feitas de uma vez por todas, mas que tem iniciativas e devem ir configurando seu ser mediante a criação de vínculos fecundos com a realidade do ambiente circundante -, eu denomino “âmbitos de realidade” ou simplesmente, “âmbitos”.” (Quintás, 2004)

Segundo Quintás (2004) para que este âmbito exista é preciso que a relação seja reversível, sendo assim, os dois pontos precisam interagir e se transformar pela

relação o tempo todo. Quando isso acontece, temos um encontro e quando temos um encontro temos a vida que se faz. Encontrar com o outro não é apenas estar a seu lado, é interagir e para isso precisamos ter **entrega, veracidade, confiança, fidelidade e cumplicidade**. A **entrega** é necessária, pois não haverá relação reversível se não me abrir para o outro.

Neste mundo que construímos, marcado por guerras e competições, fomos aprendendo a nos defender do outro, a nos fecharmos, entendendo o outro como uma ameaça ao meu espaço ou minha abundância. Nos poupamos da relação, e com isso nos poupamos da vida.

“A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.” (Colassanti, Marina, 1969)

Abrir-se para a relação requer uma compreensão menos medrosa, egoísta e possessiva, aqui já começa a exigência de nossa postura adulta, entendendo que não há perigo no outro e sim a possibilidade de viver a riqueza da vida, pois, é no encontro que posso me transformar e crescer. O medo do outro, a visão infantil e ameaçadora do estranho, nos paralisa em verdades e valores que morrem no exato momento em que os solidificamos.

Para que haja esta abertura e entrega, é necessário também **ser verdadeiro**, que é diferente de ter verdades. Ser verdadeiro é agir segundo o que se é, pois a ilusão só leva a desilusão, a mentira só conduz a distorções, o velado conduz a posturas e expectativas equivocadas e assim não haverá uma relação reversível, pois, em algum lugar a energia que circula cai no vácuo da não existência e não retorna, desencontra, e um dos lados se retrai.

Sendo assim, **confiança** é fundamental, a relação só existe se há confiança, isso é, fiar-com, saber que estou construindo-com, saber que ao me abrir para o

encontro não serei julgado ou prejudicado, por isso, confiar e ser fiel é fundamental para o encontro. Se confiar é crer que o outro estará junto nesta relação, **ser fiel** é dar segurança ao outro que você estará ali, entregue e participante, para manter o movimento que produz o âmbito, aquilo que não sou eu e nem você, mas a interação destas duas forças. A fidelidade propicia o encontro como um espaço em que minha ação terá a sustentação necessária para ser. O contrário da fidelidade é a traição, e não se trai a pessoa em si, quando traímos, traímos valores, então quando somos fieis, somos fieis aos valores que estabelecemos no encontro, não há egoísmo ou egocentrismo na fidelidade, há a cumplicidade de que o âmbito deste encontro está pautado em algo que está entre nós.

A cumplicidade também tem que ser entendida para além de seu sentido imediato e egóico. Ser cúmplice não é olhar para o outro o tempo todo, ser cúmplice é olhar com o outro para o mesmo ponto, é ter objetivos comuns que busquem algo melhor do que somos quando solitários, pois, o objetivo que olhamos é algo que está para além de mim e do outro.

Quando isso realmente acontece vemos a vida existir, como nos exemplos a seguir: na biologia, a flor abrindo é o resultado de um encontro da planta com seu ambiente vivo; na arte, o ator que nos emociona, é o encontro com a plateia e com o texto que recita; na vida cotidiana, os amigos que se abraçam tornam-se melhores ao se ampararem, na profissão, o médico que cura é aquele que ajuda o paciente a se curar.

Quando o encontro é verdadeiro ele gera vida, energia, alegria, prazer e nos diviniza, pois, enquanto vivemos o encontro criamos e participamos do cosmos. Então, segundo Quintás (2004) o encontro nos traz entusiasmo (do grego en+theos),

nos enche de Deus. Assim, nos autorizamos ser o melhor de nós mesmos, a nossa melhor versão.

Por que hoje precisamos pensar nesta relação?

Por que estamos adoecendo e aos poucos fenecendo, nos fechando como bichos acuados para a vida e a possibilidade de renascermos e viver o encontro com o outro, seja este outro um ambiente, uma cultura ou uma pessoa, precisamos voltar a viver relações reversíveis. Ter esta consciência é entender que a vida não pertence a ninguém, a vida se faz no encontro construído por nós, e, para o ser humano, é uma escolha e uma consciência. É preciso sair da imobilidade da defesa, da vitimização e da culpabilização que construímos como sociedade e voltar a criar, pois esta é a nossa natureza.

Esta postura adulta ou esta “adulter”, como prefiro chamar, é uma nova fase que nos traz a consciência de que a beleza de ser humano é ser sua própria natureza, por opção. O Gato, a árvore, o mar, são o que são, e são puramente aquilo que devem ser, mas não há neles a escolha, enquanto nós viemos traçando caminhos tortuosos, aprendendo, mais pela dor do que pelo amor, a fazer nossas escolhas e estabelecer nossas relações. Ser adulto neste momento, é escolher ser a nossa natureza, escolher com a inteligência criativa (aquela que cria com consciência), como nomeia Quintás.

Em tempos passados precisamos partir para entender, classificamos, individualizamos, setorizamos e hierarquizamos, porém, agora é o momento de unir para perceber. Nietzsche falou em “Assim Falava Zaratustra” (1883) sobre as três metamorfoses do espírito. Primeiro somos camelo: EU DEVO. Acumulamos coisas e saberes, somos capazes, aguentamos firme e preenchemos nossa bagagem. Depois, sentamos em cima do que acumulamos, e do alto, afirmamos nosso poder

como um leão: EU QUERO. Tomo o poder da decisão em minhas mãos, luto, mostro minha força, quero vencer a vida. E, finalmente, depois de tudo, a última metamorfose, a criança, que em sua inocência brinca com a vida e diz: EU SOU.

Como ser adulto e ser criança novamente? Vamos ao entendimento etimológico: Criança e crescer tem a mesma origem etimológica vem do Latim CREARE, “erguer, produzir”, relacionado a CRESCERE, “aumentar, crescer”, do Indo-Europeu KER-, “crescer”¹. Criança é aquela que cria, por isso está diretamente relacionada ao deus em nós (aquele que cria), e, crescer pode ser entendido com o ato de dar condições a nossa criança de criar melhor, aumentar sua capacidade, sua potência. Crescer ou amadurecer é possibilitar que a criança em nós crie com consciência, diametralmente oposto àquilo que nossa sociedade, com medo da vida, nos ensinou, afirmando que crescer é deixar de ser criança. Quando buscamos ser adultos dentro da visão Transdisciplinar Holística, falamos desta consciência criativa, citada por Quintás.

Somente a nossa criança poderá proporcionar a relação das partes, a viver sem medo, pois como nada tem, tem apenas o momento do encontro.

- **MOVIMENTO:**

“Em primeiro lugar, importa refocalizar a própria compreensão do ser humano. Ele deve ser entendido como efetivamente é, como um nó de relações voltado em todas as direções, como um fim em si mesmo e um projeto infinito. Ele é natural e histórico, individual e social, racional e também intuitivo e emocional.” (Boff, Leonardo – 2009, pag. 141)

A partir de agora podemos entender que a vida não está em mim ou no outro, a vida é um movimento que acontece no instante, fruto de uma relação. Agora podemos ampliar esta compreensão para uma visão ainda mais complexa, pois, somos frutos de uma relação com o outro, que vejo e reajo, mas, somos também

¹ CUNHA, Antonio Geraldo da – “Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa”, Editora Nova Fronteira – Rio de Janeiro, 1986.

frutos de uma relação com o Todo. Toda a vida é atravessada o tempo todo por tudo que acontece em todo o cosmos. Consciente ou inconscientemente somos UM. A teoria do Caos na física tenta provar que quando uma borboleta bate asas o universo estremece, fazemos parte de um cosmos que, ao mesmo tempo, pode ser múltiplo contendo várias dimensões, e também, é uno pois tudo é um nó de relações, como disse Boff (2009).

Entender-se como participante e ser um com tudo não é uma tarefa fácil, requer muita maturidade e consciência para que possamos entender que somos unos sem sermos iguais, ou somos iguais e diferentes ao mesmo tempo.

Quando olho um bosque, digo: Que bosque lindo! Isso inclui tudo que há nele, pois, ele é um bosque. As árvores que lá estão são diferentes, cumprem funções diferentes, tem histórias e aspectos diferentes, mas, pertencem ao funcionamento do bosque. Qualquer alteração irá influenciar toda vida que existe neste bosque. Assim é o eu e o cosmos. Somos um, em diferentes funções e diferentes aspectos mas tudo se relaciona.

Pensar desta maneira quebra todo e qualquer individualismo, pois, nada está dissociado de nada, não há impunidade, irresponsabilidade, inviolabilidade. Somos participantes de todo o cosmos. Somos um com tudo.

Entender que somos participantes é diferente de entender que pertencemos. Fernando Savater (1996) em seu livro “Política para meu filho”, nos ensina que pertencer a um grupo, ou a uma região ou até mesmo a um planeta, não exige responsabilidade e não nos convoca a agir. Posso pertencer a uma torcida de um time de futebol, mas, as decisões do time ou de torcidas organizadas estão alheias à minha vontade ou intervenção. Posso pertencer a uma região simplesmente de forma circunstancial e em nenhum momento sinto a pungência de agir em nome

deste ou aquele ideal/valor. Por outro lado, ao participar está implícito minha ação e implica um posicionamento sem possibilidades de isenção ou neutralidade. Participo do país votando, participo da família na construção e manutenção de valores, participo do planeta tendo esta ou aquela atitude. Diante disso, podemos concluir que, a participação, é a consciência de que pertencço a algo, que reconheço como sendo parte de minha identidade, e, tudo o que fizer estará interferindo neste todo ao qual faço parte e me integro. Certa vez Einstein afirmou:

“Se minha Teoria da Relatividade estiver correta, a Alemanha dirá que sou alemão e a França me declarará um cidadão do mundo. Mas, se não estiver, a França dirá que sou alemão e os alemães dirão que sou judeu.”²

Só uma consciência adulta poderá compreender esta complexidade. A criança nos ensina pela sensibilidade. Como ainda não criou escudos para a vida e ainda não acredita na ilusão de que se está só para vencer o mundo, a criança sente tudo o que acontece a sua volta. Sente junto com o bichinho, sente junto com a planta, sente junto com as pessoas alegres ou triste, sente o cosmos que lhe atravessa como milhares de relações reversíveis entre toda a vida existente. Porém, a criança ainda participa de forma intuitiva e natural, mais próxima da forma como plantas e bichos participam. Não estou dizendo que é uma participação de menor importância, penso até, que se não fosse a quantidade de participação das crianças e de outros seres da natureza, já teríamos destruído este planeta. Mas, somos seres que viemos com a função de desenvolver a consciência e com isso aprender a escolher de forma adulta.

Estamos em um momento planetário que urge que tomemos esta consciência, pois, a ciência já comprovou que o planeta está entrando em falência de recursos e isto pode inviabilizar nossa existência neste cosmos. Falo da urgência

² Fonte: <http://pensador.uol.com.br/frase/MTM5MQ/> visitada em 1/10/2014

de uma consciência adulta, pois, não podemos mais agir como adolescentes sempre buscando um corresponsável, seja para vitória ou para derrota, não mais podemos acreditar que algum ser maior que nós, um deus patriarcal ou maternal irá nos acolher e resolver tudo por nós, não podemos mais agir fingindo que não estamos sabendo das consequências, como se fôssemos inocentes demais para ver o erro ou velhos demais para mudar.

Participamos do cosmos, somos um só, e precisamos fazer isso com consciência. Parece fácil pensar em ser um só com grande seres e figuras emblemáticas que passaram por este mundo, e ao mesmo tempo somos sectaristas querendo julgar e banir tudo o que não consideramos correto.

Mas, para onde banir se não há nada além do UM?

A separatividade é uma ilusão também criada, que nos enfraquece, pois, negar parte de si, causa sempre a sensação de vazio e buraco que equivocadamente tentamos preencher com coisas materiais. Somos um com tudo, pois somos participantes de toda a energia que se manifesta em diferentes estados, mais ou menos densa. Como Boff nos explica sobre a teoria da relatividade de Einstein,

“Segundo a física quântica e a teoria da relatividade, matéria e energia são intermutáveis e equipolentes. Em rigor, a física atômica não reconhece mais o conceito de matéria. O átomo comporta dentro de si um enorme vazio. E as partículas elementares não são outra coisa a não ser energia em altíssimo grau de concentração e de estabilidade. Matéria só existe tendenciosamente.” (BOFF, 2004, pag. 90)

Podemos então perceber que além da diferença de densidade podemos manifestar esta energia de formas diferentes, por exemplo, a força contida em um parto e a força contida em um enforcamento são forças que foram manifestadas de forma diferentes, mas tudo é força de uma energia movimentada. A energia foi manifestada de formas diferentes, segunda a escolha deste ou daquele ser humano,

e tudo o que foi e é feito reverberará em cada ser neste planeta. Estamos interligados, por isso o pensamento ecológico proposto por Boff no Livro “*Ética da Vida*” (2009) vislumbra quatro consciências ecológicas. A cada nova consciência mais integrados e corresponsáveis poderemos nos perceber. Para que fique mais claro farei uma rápida explanação destas ecologias sugeridas por Boff.

A primeira consciência ecológica é a mais divulgada e alardeada pela mídia. Esta ecologia que Boff (2009) chama de **ecologia ambiental** ainda traz resquícios de um pensamento moderno quando nos víamos separados da natureza e senhores desta. Nos dias de hoje, diante da devastação planetária que provocamos, a ecologia ambiental procura minimizar seus impactos, desenvolvendo tecnologias e soluções que possam minimamente garantir nossa perpetuação neste planeta. Esta busca é importante, porém só a corrida de soluções tecnológicas não nos basta para compreendermos nosso papel como ser vivo.

Temos então uma segunda consciência, a **ecologia social**, neste novo modo de pensar não buscamos apenas equilíbrio do meio ambiente, buscamos pensar o ambiente inteiro e, isso inclui o ser humano como parte desta natureza, que, como sociedade precisa também encontrar seu equilíbrio e harmonia dentro desta relação. Saneamento, educação, saúde, justiça social, são vistos como problemas ecológicos, pois, sem isso, não poderemos preservar o meio ambiente. Reconhecemos o ser humano como parte/participante desta “*physis*” como chamavam os gregos, que há tempos atrás não viam separação entre o ser humano e a natureza à sua volta (Boff, 2009).

Nosso pensamento pode agora compreender um passo ainda mais complexo, que é a ecologia mental ou **ecologia profunda**. Esta nova consciência pode perceber os desafios para uma ação ética que busque a relação na “*physis*”, esta,

não está fundamentada em uma construção social, e sim, ainda mais arraigada em nós, encontramos a mentalidade e os valores incutidos em todo ser humano ao longo de milênios (Boff, 2009).

O que nos levou ao pensamento sectarista?

Segundo Boff (2009), o antropocentrismo e o egocentrismo foram os fundamentos de nossa vida neste planeta, desequilibrando as relações, criando hierarquias e desigualdades. A ecologia profunda busca transformar esta têmpera que fomos formados, em busca da dimensão feminina em todos nós, esta dimensão feminina nos despertará para o cuidado, a manutenção da vida e a integração das partes.

Estamos então, diante da mais importante consciência neste momento. Antes de explicar esta quarta ecologia, trago como inspiração a fala de Nietzsche em “Humano demais humano” (1886, parágrafo 288) quando o filósofo tenta explicar que tipo de viajantes podemos ser:

“... os que querem mais ser vistos do que ver nas viagens; os que realmente veem algo no mundo; os que vivenciam alguma coisa em função do que é visto; os que incorporam e carregam consigo as vivências da viagem; e finalmente os de maior força, aqueles que colocam as experiências incorporadas de novo para fora, através de ações e de obras, tão logo retornam à casa.”

Este último tipo de viajante entende que tudo o que viu e viveu é parte de um todo e toda sua experiência deve retornar ao cosmos em forma de ação que reverbera ao infinito. É neste momento que, poderemos viver realmente a **ecologia integral**, esta nova consciência se abriu principalmente quando a humanidade, através do olhar dos astronautas, conseguiu olhar a Terra de longe e nos entendemos como um só organismo vivo, em movimento, participante de uma galáxia, um universo e quem sabe de multiversos (Boff, 2009). Esta consciência cósmica deve ser fruto de um mergulho profundo em nós mesmos, quebrando o

medo que alimenta o individualismo, a competição e está nos conduzindo a uma impossibilidade de perpetuação da vida humana

Ao olharmos o indivíduo, compreendemos que somos o micro no macro e, como estamos também ligados ao nosso social, nosso planeta e a todos os seres, isto é, poderemos assim, compreender que somos responsáveis em cada ação. Afinal de contas, ao falarmos do desequilíbrio do planeta, é necessário percebermos que tudo é consequência de um cuidado e equilíbrio pessoal que faz parte e é esse todo, e como UM nos manifestamos como mundo, como vida ou o nome que queiramos dar a este movimento de manifestações. Cuidar desta ecologia integral é despertar a consciência de que, cada um de nós, participa deste planeta, que também participa de um sistema solar, que participa de uma galáxia, que participa de um universo e assim por diante. Diferente de uma visão egocentrista que nos fecha ao movimento, e nos leva a uma imobilidade impotente, esta compreensão verdadeira de tudo, traz uma potência e comprometimento total. Para que esta potência seja usada de forma benéfica, ou melhor dizendo, de uma forma ética, é necessário aliarmos a ela, virtudes, que nos guiarão na nossa consciência cósmica, da forma adulta como estamos propondo.

Mais uma vez recorremos ao pensamento de Leonardo Boff e todos que construíram a Carta à Terra (2000) em busca das virtudes fundamentais para uma escolha ética, dentro desta compreensão cósmica de nossa existência, e assim, buscaremos um agir consciente, íntegro e benéfico.

- 1) **Saber cuidar** é a primeira virtude que precisamos exercitar. A vida precisa de cuidado pois é frágil e mortal. Saber cuidar transforma a preocupação, a dominação e a ilusão de controle em ação amorosa. Cuidar requer uma predisposição para ouvir, e uma capacidade de desenvolver caminhos

para perpetuar a vida. O Cuidar da vida começa com o cuidar do corpo, depois das relações, das ações, do coletivo e do planeta. Reconhecer a vida em tudo é, em primeira instância, reconhecer a vida em mim, e cuidando desta vida minha ação irá se transformar em um cuidado cada vez mais amplo. É do olhar para a vida em mim que passamos a olhar a vida que há em tudo. Exercitar o cuidar então, nos traz a consciência de que a todo momento estamos agindo no todo, através das relações reversíveis que estabeleço a cada encontro que me disponho a viver.

- 2) **Ter compaixão** é uma virtude ainda mais complexa, pois precisamos nos desprender de hierarquias construídas culturalmente. Aprendemos em uma sociedade que se utilizou de princípios cristãos a ter pena e piedade, porém, isso sempre nos leva a hierarquizar, segmentar, afinal, tenho pena de quem está pior do que eu, tenho piedade e por isso posso ser magnânimo, vejo como estranho à mim aquilo ou aquele que precisa de minha ajuda. Diferente disso, a compaixão nos convoca a estar junto e sentir com o outro, pois tendo a consciência do Todo, isto é, o outro que faz parte de mim. John Donne na introdução do romance *“Por quem os sinos dobram?”* de Ernest Hemingway nos ensina que:

“Nenhum homem é uma ILHA isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da TERRA; se um torrão é arrastado para o MAR, a EUROPA fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse a casa dos teus amigos ou a TUA própria; a MORTE de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do GÊNERO HUMANO.” (1940, pag. 9)

- 3) **Cooperar**, é colocar em ação a nossa consciência somada à nossa potência. Construir junto, olhar junto um futuro e manifestá-lo. Como dito anteriormente, somos seres criativos, capazes de co-criar com o cosmos, sendo aqui a escolha ética a busca para construir junto com o todo, em

prol e em comunhão com todas as relações que me perpassam. Quando estamos prontos a cooperar, ultrapassamos a paralização do julgamento e da crítica medrosa que me separa do Todo. Nos sentimos parte integrante e capaz de agir no mundo e com o mundo. Afinal, a vida está em perpétuo movimento e quando me disponho e escolho cooperar entro em harmonia com a própria vida que há em mim e em tudo, encontrando finalmente o meu lugar como participante, encontrando finalmente aquilo que é fundamental para o ser humano: um sentido para viver.

- 4) **Ter responsabilidade** é ter consciência de que tudo o que faço é e está contido no todo. A natureza, como as plantas ou os animais, agem assim, respiram com o mundo, recebem e reagem numa inspiração e expiração de manifestações de vida, mas eles não têm a consciência, a eles não cabe escolher, eles são. Ser responsável é ter e exercitar esta consciência e escolher agir em uníssono com o universo, um animal não é responsável por matar sua presa, nós somos, e por isso, podemos escolher interagir de várias formas. Ter responsabilidade não é saber julgar entre o bem e o mal, ter responsabilidade é, de forma adulta, entender e assumir a consequência dos nossos atos, sabendo que tudo irá reverberar ao infinito. Ter reponsabilidade é entender-se como ser cósmico e como um ser importante para que a harmonia cósmica seja O MOVIMENTO.

- **EXISTÊNCIA:**

Vamos retomar um pouco às ideias já trabalhadas. Descobrimos através da compreensão do ser humano como um ser de encontro, que o EU só pode existir se encontra, troca, se relaciona com o OUTRO. Viver então, está intrinsecamente ligado

a relacionar-se. Sem a relação com o outro a vida não acontece. Diante desta visão, abandonamos a posse e o egoísmo infantilizado e, de forma adulta, compreendemos que somente no âmbito a vida se dá.

Descobrimos também que a ação não é independente e nem o EU é independente no mundo. Somos livres para escolher, mas tudo o que fazemos e tudo o que acontece no mundo está ligado entre si. Esta compreensão de que somos um nó de relações nos faz ver que somos transpassados por todas as coisas que acontecem no cosmos. Por sermos livres para escolher somos responsáveis por tudo o que reverberamos no cosmos, por isso, deixamos agora a aparente ignorância e o egocentrismo que nos fazia acreditar que a minha ação não importava para o mundo, e, de forma adulta, nos tornamos responsáveis e/ou atuantes em tudo o que está acontecendo no cosmos entendendo que tudo é movimento.

Podemos então ir à próxima etapa, que será abandonar toda e qualquer concretude na vida e se entender realmente como uma vibração, uma manifestação no agora.

A física quântica vem provando isso cientificamente, mas não será esta a minha fundamentação, lembro apenas, que tudo o dito aqui também pode ser encontrado nas pesquisas de ponta no campo da ciência e da biologia. A linha de fundamentação que vamos usar é a compreensão da vida pelo conhecimento ancestral do povo Tupi.

Segundo Kaka Werá Jecupé³ estudioso e educador da cultura ancestral Tupi, o cosmos é entendido como uma vibração, um som, a criação se faz através de um

³ Conteúdo proferido pelo professor Kaká Werá Jecupé no seminário O Poder Curativo do Som realizado em 30/06 e 01/07 de 2012.

som que reverbera criando um movimento e com este movimento se manifesta a luz, a isso a cultura Tupi chama de **Mundo de Cima**, uma vibração primerva que só pode ser entendido como Pura Luz (TUPÃ: TU – LUZ, PÃ – TODO).

Já o **Mundo do Meio** é constituído quando a vibração primerva diminui um pouco o seu ritmo e dela se faz a forma, ou melhor a fôrma onde o uno ganha versões, ou uma tradução para a linguagem da forma e podemos neste momento ver contornos na luz. A Pura Luz se abre em versões de si mesma e se revela como dons, qualidades, entidades, ideias. A fôrma por ser uma manifestação que parte da Pura Luz, contém em si a participação do Todo, apesar de revelar-se apenas como uma parte. Neste Mundo do Meio a cultura Tupi considera que podem existir alterações e distorções, pois já tem uma forma e, esta forma sofre os efeitos da reverberação do Mundo de Cima e também está sujeito as interferências da vibração emanada do mundo posterior, que vamos ver a seguir.

Neste mundo posterior, chamado de **Mundo de Baixo**, o movimento torna-se ainda um pouco mais lento, e a fôrma ganha densidade e aparente concretude. Como resultado da ideia que se materializa, novamente surge uma versão que contem a intenção da ideia e a participação no Todo. Mas este Mundo de Baixo tem também um funcionamento próprio, isto quer dizer que também é regido e interferido pelas leis da vibração materializada. Se foi possível acompanhar a criação da forma materializada, vemos que o Mundo de Baixo traz as informações do Mundo de Cima através das versões do Mundo do Meio, mas também age e reage nas interações com tudo o que existe no Mundo de Baixo, quando produz uma reverberação mais veloz e por isso mais sutil, alcança o Mundo do Meio, e, acelerando-se novamente retorna ao Mundo de Cima, transformando-se agora, em Pura Luz. É preciso lembrar

aqui, que estes mundos não estão separados e nem possuem espaços ou tempos diferentes são apenas vibrações diferentes que estão interagindo no momento.

A cultura ancestral Tupi, vai muito além disso, porém aqui neste artigo nos basta compreender a ideia que tudo é vibração em diferentes sintonias. Nada é concreto, tudo difere apenas pela densidade da vibração. A partir desta ideia poderemos retomar nossa reflexão procurando entender nossa existência neste tempo e espaço.

Tudo o que há no Mundo de Baixo é uma versão do Mundo de Cima, então nos perguntamos a imperfeição é uma versão do Mundo de Cima?

Perfeição ou imperfeição são definições de quando pensamos a matéria ou a forma. O mundo de cima é energia e luz gerada pelo movimento. Nesse sentido, a ideia de perfeição ou imperfeição, diz respeito à maneira como a energia é utilizada, entendendo-a como uma versão da vida. Diante disso podemos pensar que a busca do que é certo ou errado é ainda um pensamento limitador, um pensamento que vislumbra um juiz ou, penalidades. Abdicar deste Juiz é tomar para si a responsabilidade de tudo em sua vida, isso é viver sua “adulter” como já havia dito. Este ser adulto compreende que sua existência é uma combinação de energias que se transpassam e interagem, porém **como** interajo é onde se encontra a nossa liberdade.

Ao entender que tudo é Uno e este uno se apresenta em vibrações diferentes, entendo que, por exemplo, a violência está neste uno, mas a violência é uma qualidade de vibração de energia e não uma coisa em si. Ao me deparar com a violência e interagir com ela não preciso necessariamente vibrar como violência, e sim, transformar esta energia em algo que vibra mais intensamente e com menos magnetismo. Posso dizer o mesmo da tristeza ou da doença. Quanto mais densa,

mais longe da Pura luz, e, como tudo é energia, podemos transformar tudo em luz se permitirmos que o movimento acelere e se equilibre com a Luz original.

Os Índios Tupis usam o som (canto ou instrumento) para harmonizar com o cosmos e fazer a energia vibrar e se movimentar novamente, podemos fazer isso de várias formas, mas, o mais importante é tomar a consciência de que a nossa energia é transformadora e não vítima de tudo o que está acontecendo.

Desta forma recuperamos a liberdade do Ser e a Potência que significa estar vivo. Ao ser consciente de nossa potência podemos nos colocar no mundo de forma participativa e assim buscar a todo momento fazer a nossa melhor parte, vibrando da forma mais intensa e luminosa que pudermos toda a energia que nos transpassa e criando ao mesmo tempo reverberações luminosas através das relações que estabelecemos.

Somos uma vibração consciente e transformadora, por isso precisamos ser neste momento planetário adultos o suficiente para construirmos um novo futuro. A possibilidade de continuarmos como espécie neste planeta é nossa, e o momento de transformação já começou.

Conclusão

Não há mais deuses, santos ou demônios que irão nos salvar ou condenar. A pergunta que devemos fazer a todo instante é: Que mundo estou construindo?

Todo o momento é sagrado pois a todo momento podemos co-criar algo melhor. Isso é o milagre.

Se nada é concreto e definitivo, por que não manifestar o que temos de melhor? Sejamos o melhor de nós mesmos. Ter e ser esta consciência é ser plenamente humano: um ser que escolhe ser divino.

Nesse sentido, espera-se que as reflexões tecidas nesse artigo auxiliem a cada um de nós e todos ao mesmo tempo encontrarmos nossa potência e de forma adulta escolhermos o nosso futuro. Nas múltiplas versões da energia, cada um traz uma qualidade importante para que o todo se manifeste, somos importantes ao mesmo tempo que o mundo também existirá sem nós, seremos importantes à medida que nos entendemos como participantes.

Nestas reflexões pensamos vários valores e ações que podem nos guiar, mas há algumas perguntas que somente o indivíduo pode responder: Como estou participando da vida? Qual a minha resistência? Como estou manifestando a energia da vida? Onde oculto minha infantilidade? Onde e por que estou me paralisando? Qual a minha melhor forma de participar do mundo?

Estas perguntas levam uma vida para serem realmente respondidas, mas não podemos nos esquivar delas. O ser consciente e adulto não procurará boas justificativas, mas, buscará respostas honestas que nos transformem naquilo que verdadeiramente queremos ser.

Referências bibliográficas:

BOFF, Leonardo – “Ética da Vida”, Editora Record – Rio de Janeiro, 2009

BOFF, Leonardo – “Discurso proferido no III Fórum Social Mundial”, durante o seminário promovido pelo Instituto Paulo Freire sobre a CARTA DA TERRA: um consenso mínimo entre os humanos, no dia 24 de janeiro de 2003.

<http://a3p.ana.gov.br/Documents/docs/biblioteca/EhPrecisoCuidarDaVida-CartaDaTerraLeonardoBoff.pdf> - Acessado em 26/09/2014.

COLASSANTI, Marina - "Eu sei, mas não devia", Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1996, pág. 09.

COMISSÃO DA CARTA DA TERRA – “Carta da Terra”, 2000.

http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/what_is.html - Acessado em 26/09/2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig – Investigações Filosóficas - Coleção “Os Pensadores”, Editora Nova Cultura LTDA – São Paulo, 1999.

QUINTÁS, Alfonso López – “Inteligência Criativa”, descoberta pessoal de valores”, Ed. Paulinas – São Paulo, 2004.

QUINTÁS, Alfonso López – “A formação adequada à configuração de um novo humanismo” - Conferência de Alfonso López Quintás na FEUSP, 26/11/1999. <http://www.hottopos.com.br/prov/quint2p.htm> - Acessado em 26/09/2014

NIETZSCHE, Friedrich – “Humano, demasiadamente Humano”, Companhia das Letras – São Paulo, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich – “Assim Falava Zarathustra”, Guimarães e Co. Editores – São Paulo, 1970 (pag. 22/23)

SAVATER, Fernando – “Política para meu filho”, Ed. Martins Fontes – São Paulo, 1996.